

As exposições industriais em Novo Hamburgo e sua relação com a constituição da cidade e seus valores

Claudia Schemes¹

Resumo: Esta pesquisa busca refletir sobre as exposições industriais em Novo Hamburgo no início do século XX. Entendemos que estas exposições podem ser consideradas momentos de comemoração que projetam modelos de sociedade e servem como instrumentos de divulgação dos ideais do regime vigente. Identificaremos os principais eventos que ocorreram na cidade e realizaremos uma análise do material que se encontra no acervo do Arquivo Municipal de Novo Hamburgo, como fotografias, cartazes e recortes de jornal. Estas exposições comemorativas possuíam um caráter pedagógico e político que possibilitavam a transmissão dos valores dos grupos hegemônicos locais, além de inculcar na população que as frequentava a ideia de progresso e de ruptura com um passado arcaico e atrasado. O referencial teórico da investigação tem como base os autores Mona Ozouf, Bronislaw Baczko e Margaret Bakos.

Palavras-chave: Exposições Industriais; Comemoração; Novo Hamburgo

Abstract: This research search to reflect on the industrial expositions in Novo Hamburgo in the early twentieth century. We understand that these exhibitions can be considered moments of celebration that project models of society and serve as instruments of dissemination of the ideals of the current regime. We will identify the main events that occurred in the city and we will carry out an analysis of the material found in the collection of the Municipal Archive of Novo Hamburgo, such as photographs, posters and newspaper clippings. These commemorative exhibitions had a pedagogical and political character that allowed the transmission of the values of the local hegemonic groups, as well as instilling in the population that attended them the idea of progress and rupture with an archaic and backward past. The theoretical reference of the investigation is based on the authors Mona Ozouf, Bronislaw Baczko and Margaret Bakos.

Key words: Industrial Exhibitions; Celebration; Novo Hamburgo

Introdução

Este trabalho é parte da tese de doutoramento da autora intitulado Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901-1935). O recorte apresentado procura refletir sobre as exposições industriais na cidade citada, no início do século XX, e de que forma estes eventos se constituíram como espaços de memória e de reforço dos sentimentos de pertencimento à comunidade.

Além disso, entendemos que estas exposições podem ser consideradas momentos de comemoração que projetam modelos de sociedade e servem como instrumentos de divulgação dos ideais do regime vigente.

As fontes documentais que norteiam esta pesquisa encontram-se no Arquivo Público do Vale dos Sinos que se encontra na cidade de Novo Hamburgo/RS e possui um acervo de fotografias, cartazes, jornais, atas e outros documentos e coletâneas organizadas por cidadãos da comunidade na época dos eventos.

¹ Doutora em História, Universidade Feevale

Procuramos identificar os principais eventos que ocorreram nos primeiros trinta anos do século XX e realizar uma breve reflexão sobre eles, entretanto, como já foi colocado, enfocamos a participação da empresa de Pedro Adams Filho.

As exposições

As exposições e feiras industriais eram eventos bastante comuns no início do século XX e a participação das empresas era considerada fundamental para firmarem imagens de instituições sólidas e afinadas com o progresso em nível popular.

As empresas de Pedro Adams Filho costumavam participar desses eventos, e os prêmios recebidos atestavam a qualidade dos seus produtos. Em 1901, a Fábrica de Calçados Sul-Riograndense, de sua propriedade, participou de uma exposição em Porto Alegre, em 1914, em Santa Maria e, em 1916, em Caxias. Em todas elas recebeu medalha de ouro pela boa qualidade e acabamento de seus produtos (MONTE DOMECCQ, 1918, p. 247).

A trajetória das exposições em Novo Hamburgo, entretanto, é antiga, pois em 1908 já havia sido realizada nos salões da Sociedade de Cantores de Hamburgo Velho, o *Frohsin*, uma exposição de produtos e máquinas agrícolas organizada pela Sociedade dos Agricultores Riograndenses, sendo seguida por mais três exposições, em 1922 - Centenário da Independência -, 1924 - Centenário da Imigração Alemã - e 1929 - Homenagem a Getúlio Vargas.

A exposição de 1924 foi de fundamental importância para a cidade, visto que ela já vinha tentando há vários anos, por vias políticas, tornar-se um município independente da sua sede, São Leopoldo.

Assim, ela representou muito mais para Novo Hamburgo do que possa parecer à primeira vista. Significou uma vitória sobre São Leopoldo, que também tinha pretensões em sediar o evento, mas acabou tendo de ceder para seu distrito mais importante, além disso, o então presidente do Estado, Borges de Medeiros, compareceu para prestigiá-la.

Sua importância estratégica também ficou evidente com o fato de os membros da comissão organizadora (moradores de Novo Hamburgo) serem os mesmos que estavam na comissão pró-emancipação da cidade.

O que nos interessa, especificamente nesse caso dos festejos, foi a sua ligação com o movimento emancipacionista que já estava sendo pensado há algum tempo. Contudo, como coloca Weber (2004), não podemos esquecer que a maior parte dessa comissão era composta por descendentes de alemães e que aquele evento foi um momento de manifestação da

identidade de imigrantes alemães e de seus descendentes, além de ter representado um fortalecimento desses vínculos étnicos e uma trégua das disputas religiosas e políticas.

Ficou determinado que a exposição industrial aconteceria no 2º. distrito - Novo Hamburgo - que possuía um potencial econômico significativo e havia feito muita pressão política por parte da comissão que o representava. Sediar o evento era visto como uma grande oportunidade para mostrar a potencialidade do distrito e as condições para a sua emancipação. Segundo Carlos Dienstbach,² um dos membros da comissão organizadora, “a celebração das festas do centenário alemão e a municipalização de Novo Hamburgo eram duas ideias irmanadas.”

Para essa exposição foi construído um pavilhão de madeira, na Praça 20 de Setembro, de 88 metros de comprimento por 62 metros de largura, com um único acesso, um palco, banheiros, um restaurante e local para deixar animais.

Os 230 expositores estavam divididos em duas grandes áreas: indústria e agricultura e pecuária. Cada área estava subdividida em seções e, estas, em classes. A divisão industrial tinha representantes do couro, da madeira, da metalurgia, de bebidas, de álcool e de vinagre, do fumo, de produtos alimentícios e de outras indústrias; já a divisão da agricultura e da pecuária, em produtos vegetais e animais.

A diversificação da produção industrial é um aspecto que nos chama muito a atenção, pois são citados mais de 30 produtos relacionados à indústria de couro, além de toda uma vasta produção ligada a outros tipos de indústria.

A empresa de Pedro Adams Filho participou mostrando parte de seus produtos.

² Carlos Dienstbach organizou um “livro-arquivo”, que se encontra no Arquivo Público de Novo Hamburgo, com todas as informações a respeito da exposição industrial e da emancipação de Novo Hamburgo. Ele guardou todos os recortes de jornais do Estado, em língua portuguesa e alemã, que publicaram artigos sobre esses assuntos, tirou várias fotos, guardou telegramas, cartas, cartazes, papel timbrado e tudo que julgou necessário para preservar a história do município. No final desse livro, ele deixa a seguinte declaração: “Uma vez guardados todos os recortes de jornais, por até hoje colleccionados, e que se referem a história da Exposição do Centenário em 1924 e a Emancipação Municipal de Novo Hamburgo em 1927 e arquivados neste livro, dou por finda a minha por mim mesmo demarcada missão. Quem quiser saber mais da história de Novo Hamburgo, estude-a no “O 5 de Abril”, jornal que ali surgiu depois de sua separação de São Leopoldo e também colleccionado e arquivado. Por que me dei o trabalho de colleccionar o conteúdo deste livro? – Por amor ao povo laborioso de Novo Hamburgo. Penso que esta colleção mais tarde, com toda certeza daqui a 100 anos, quando elles festejarem o segundo aniversário da imigração allemã ao Rio Grande do Sul, ou quando elles festejarem o 1º Centenário da Emancipação de Novo Hamburgo, terá um certo valor como material para historiadores! E sendo assim: então ajudei edificar um monumento para Novo Hamburgo – e para mim. Carlos Dienstbach, julho 1928.”

Figura 1 - Estande da empresa Pedro Adams Filho e Cia.



Fonte: Arquivo Municipal de Novo Hamburgo

Analisando detalhadamente essa foto, constatamos que o estande da empresa de Adams apresentava mais de 150 modelos de calçados masculinos, femininos e infantis. Embora os masculinos fossem a maioria, foram destacados os sapatos de mulher, provavelmente porque elas formavam o grande público consumidor. As modelagens eram ricas e variadas para a época, com produtos em várias cores, alturas de saltos e detalhes, tanto para os modelos femininos como para os masculinos.

A simplicidade do local indica que deveria ser destacado o produto e não o seu entorno, o que não impedia que a decoração privilegiasse o nacionalismo. A bandeira do Brasil, com o seu lema colocado em destaque, as fitas e balcões com as cores do Rio Grande do Sul, podiam significar e passar a ideia de pertencimento e de orgulho da nação brasileira, do Estado gaúcho e do progresso industrial.

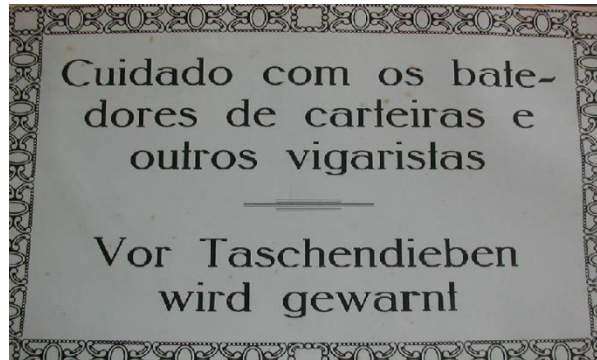
Tais considerações contrastavam com as mensagens passadas pelo caráter bilíngue das informações que favoreciam e incentivavam o germanismo local, como podemos observar na figura a seguir.

Alguns cuidados extras foram tomados para evitar problemas, como a colocação de alguns cartazes no pavilhão da exposição solicitando o “cuidado com os batedores de carteiras e outros vigaristas”.

O cartaz, se por um lado surpreende face ao fato de a cidade contar com poucas ocorrências policiais, conforme observamos na seção de ocorrências do jornal O 5 de Abril

durante esse período, por outro lado, pode indicar o grande número de pessoas que circulavam na cidade e que realizavam pequenos furtos. Esses “vigaristas” deveriam ser comuns nesses eventos, caso contrário, não haveria a necessidade desse alerta.

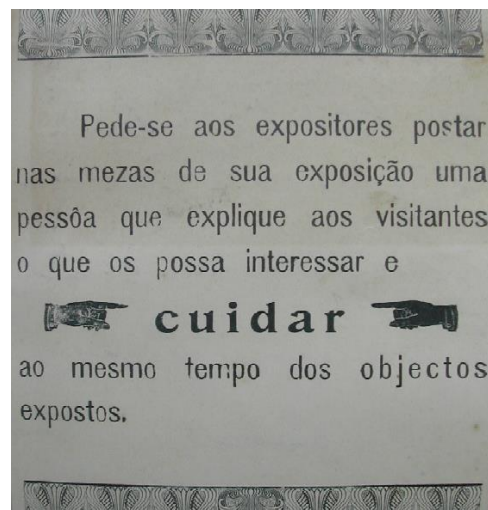
Figura 2 - Cartaz da exposição



Fonte: Arquivo Municipal de Novo Hamburgo

Percebemos, também, os objetivos e a preocupação de cunho pedagógico da exposição, quando a comissão organizadora solicitou que os expositores disponibilizassem pessoas para explicar aos visitantes o que estava sendo exposto e, dessa forma, informava detalhadamente à comunidade sobre como eram feitos os produtos na cidade.

Figura 3 - Cartaz da exposição



Fonte: Arquivo Municipal de Novo Hamburgo

O evento foi notícia em diversos órgãos de imprensa, não só locais, como o *Deutsche Post*, mas também da capital, como *Correio do Povo* e *A Federação*. Vários convites foram enviados para todas as autoridades estaduais que, na maioria das vezes, respondiam confirmando suas presenças, mandando representantes ou justificando sua ausência.

A programação oficial das festas comemorativas foi amplamente divulgada, e a organização das mesmas foi impecável, como podemos verificar no material impresso que foi distribuído antes do início do evento e definia o que seria feito desde as seis horas da manhã até às 21 horas. A exposição aconteceu entre os dias 20 de setembro e 5 de outubro e, em todos esses dias, uma extensa programação fora organizada. A disponibilidade de hotéis e restaurantes também foi divulgada, mostrando o grau de profissionalismo do evento que buscou evitar problemas e tornar o contexto o mais agradável possível para os visitantes.

A inauguração da exposição contou com a presença do presidente do Estado, Borges de Medeiros e várias autoridades, entre secretários de Estado, arcebispo, industrialistas e políticos locais, entre outros.

Dentre as empresas premiadas na exposição estava a de Pedro Adams Filho, que ganhou a medalha de ouro, o prêmio máximo, juntamente com outros empresários de outros ramos. Pela quantidade de prêmios distribuídos, vimos que a exposição teve um grande número de participantes, por volta de 230, segundo registros.

Conforme o livro de atas da exposição, das vinte e três empresas que receberam o “grande prêmio”, dezesseis eram de Novo Hamburgo, sendo que quatro estavam ligadas ao setor coureiro (Arthur Haas e Cia., Albino Momberger, Pedro Adams Filho e Cia. e Schneider e Zwetsch). As demais empresas agraciadas eram de propriedade de teuto-brasileiros, fato que, de certa forma, reforça a ideia sobre o empreendedorismo dos teuto-gaúchos na industrialização da cidade.

As empresas que não eram agraciadas com medalhas recebiam diplomas de participação, e o público poderia adquirir lembranças da exposição, como medalhas comemorativas. A venda de lembranças pode significar o interesse dos organizadores da exposição em manter esse evento na memória da comunidade, dessa forma, uma medalha comemorativa é um objeto que poderia permanecer por muito tempo em posse de seu comprador e, portanto, manteria viva a ideia da pujança e do progresso do município.

A legenda laudatória da lembrança deixa claro o apoio do “benemérito” Presidente do Estado, Borges de Medeiros ao evento realizado, quando diz que ele “prestou eficaz auxílio moral e financeiro nos festejos” e sua ligação ao grupo organizador da exposição.

A necessidade de mostrar o desenvolvimento econômico e a pujança do almejado distrito fica bastante evidente quando observamos as seguintes fotos que apresentam grandes pavilhões, automóveis, pessoas bem trajadas, bandeiras.

Figuras 4 e 5 - Pavilhão da Exposição Municipal



Fonte: Arquivo Municipal de Novo Hamburgo

Essas fotos foram encontradas no livro-ata sobre o evento, e tinham a seguinte legenda: “No dia do encerramento da exposição, dia 5 de outubro. No fim da festa. Tinha havido corso e batalha de flores e confetti. Já se tinha retirado a maioria do povo, quando o photographo pediu que alguns dos automóveis que tinham tomado parte, entrassem no recinto para tirar a photographia delles.[...]”

Constatamos que, embora presentes em várias matérias sobre a história de Novo Hamburgo, essas fotos foram pouco aproveitadas. Sugerimos sua análise como uma montagem de cenário que vinha ao encontro dos interesses dos organizadores da festa, pois os carros representavam um símbolo de modernidade e a pujança do município.

O encerramento do evento aconteceu em grande estilo, com convites distribuídos pela cidade, conclamando o povo a participar para abrilhantar o final de tão importante evento para a cidade, principalmente, os “senhores proprietários de autos e carros para a batalha de flores [...]”.

A participação da cidade em exposições industriais continuou em outros anos, pois em 1928 a cidade de Novo Hamburgo foi convidada a fazer parte de um pavilhão exclusivo da Grande Exposição-Feira Commercial, Industrial e Agro-Pecuaria que se realizaria em Porto Alegre. A imprensa da época apoiou incisivamente a participação, pois achava que a cidade tinha de mostrar seu potencial, já que havia se tornado município há pouco tempo, e precisava afirmar sua importância econômica.

Um ano depois, em 1929, foi realizada uma exposição na cidade, em homenagem a Getúlio Vargas. Para a sua realização também foi construído um pavilhão na Praça 14 de Julho, e contou com a presença de Getúlio Vargas e de Osvaldo Aranha, Secretário do Interior.

Essa exposição, mais uma vez, foi fundamental para mostrar a pujança do município e, para isso, foi organizada uma comissão, formada pelos mais importantes empresários da cidade, que deveriam incentivar a participação do maior número de industrialistas possível.

Pedro Adams Filho, novamente, fez parte dessa comissão, que foi dividida em três grupos para agilizar os trabalhos: recepção, ordem e policiamento e ornamentação.

Segundo o jornal O 5 de Abril, a acolhida que teve a comissão foi a melhor possível, pois “[...] todos compreenderam que essa exposição, além de ser uma magnífica homenagem prestada ao Presidente do Estado, traria reais proveitos para a indústria local [...]” (Jornal O 5 de Abril, 13/09/1929)

O pavilhão foi construído pela empresa Breidenbach, Mosmann & Cia., pelo valor de 15\$000, e o valor dos ingressos foi fixado em 1\$000 para adultos e \$500 para crianças, sendo que as escolas eram isentas de pagamento no dia da inauguração. Junto ao pavilhão foi construído um palco onde teriam apresentações artísticas, projeções de filmes, etc.

Esse evento, portanto, além de ser importante como mostra industrial, era, também, uma grande festa popular que tinha diversão para o público de todas as idades.

Essa exposição foi amplamente divulgada pela imprensa local e da capital, que exaltava a qualidade da indústria local e a sua capacidade de concorrer, inclusive, com produtos importados (Jornal Correio do Povo, 11/10/1929).

O jornal Diário de Notícias, também da capital, publicou um artigo louvando o povo trabalhador da pequena cidade de 65 km² “exemplo admirável na actividade industrial do Rio Grande”, cidade que deveria ser aplaudida pelo seu “labor incessante” e “espírito de iniciativa” (Jornal Diário de Notícias, apud, Jornal O 5 de Abril, 13/09/1929).

Esse artigo revela a forma como foi criado o mito do povo laborioso, do trabalhador incansável de Novo Hamburgo, do seu rumoroso progresso através de sua indústria que foi disseminado com muito afinco pelos grupos dominantes locais e regionais e teve boa repercussão no imaginário da coletividade.

O evento contou, segundo relato de seus organizadores no jornal O 5 de Abril de 25 de outubro de 1929, com 150 expositores e com a visita de 25.000 pessoas, muitas vindas de trem de outras cidades. A exposição mostrou toda a produção do município, como tintas, ceras para calçados, bolsas, chapéus, couros, calçados, artefatos de madeira, arreios, peças e máquinas para móveis, cartonagem, molduras, charutos, balas, torrefação de café, bebidas, instrumentos musicais, etc.

Dentre os expositores estava a firma de Pedro Adams Filho & Cia., que, segundo o jornal O 5 de Abril, foi uma das que se destacou pela abundância de mostruários e excelência dos produtos. Essa empresa teria apresentado “verdadeiras maravilhas em manufatura de calçados” (Jornal O 5 de Abril, 25/10/1929).

O diploma dado aos expositores nesse evento que homenageou Getúlio Vargas também é bastante laudatório. Abaixo da foto do Presidente, envolto nas bandeiras do Brasil e Rio Grande do Sul, está a legenda “para glória do Brasil”, ou seja, ele representava a salvação e a glória nacional. Ao mesmo tempo, sua ligação com a cidade era concretizada com dois monumentos importantes, o Monumento do Imigrante e o chafariz da Praça 14 de Julho.

Figura 6 - Diploma para expositores



Fonte: Arquivo Municipal de Novo Hamburgo

Se a exposição de 1929 obteve êxito, o mesmo não pode ser dito sobre a participação das empresas da cidade na Exposição Agrícola, Pastoral e Industrial do Estado do Rio Grande do Sul, que aconteceria no ano de 1931.

O jornal local contou as dificuldades encontradas pela comissão formada por industriais para tratarem da representação da indústria de Novo Hamburgo naquele evento, pois o momento era crítico, não só para a economia local, como também para a estadual e a federal. Segundo o jornal, a comissão chegou à conclusão de que apenas com um auxílio financeiro do município algumas empresas poderiam expor seus produtos. Aproximadamente 40 empresas foram procuradas, e apenas sete dispuseram-se a participar da Exposição, dentre elas a firma Pedro Adams Filho & Cia., que estava disposta a alugar 20 m², desde que o aluguel não fosse superior a 25\$000.

Considerações finais

As exposições industriais foram importantes não só para fins econômicos, mas também para fins políticos, pois representavam uma oportunidade para realizar uma aproximação com a comunidade. Para empresários como Pedro Adams Filho, a aliança entre a indústria e a comunidade era feita através de ações políticas, o que ficou claro e explicou todo o seu empenho para que tais eventos ocorressem e tivessem a participação popular.

Bakos (1996), analisando as exposições ocorridas em Porto Alegre nos anos 1920 e 1930, afirma que os governantes, para manterem sua hegemonia, julgavam importante

empresariar exposições grandiosas para mostrar e incentivar, com prêmios pecuniários e honorarias, a produção industrial e agropecuária no Estado e Município.

Acreditamos que em Novo Hamburgo essa mesma ideia perpassou os projetos de governantes e de empresários locais que viam nessas exposições uma forma de se perpetuarem no poder mostrando as potencialidades do município. Ao mesmo tempo, ainda conforme exemplo de Bakos (1996), pode-se fazer a conjectura de que os organizadores desejavam tornar Novo Hamburgo a “sala de visitas” do Vale do Sinos, título que Porto Alegre recebeu em nível estadual.

Nesse sentido, cogita-se que Pedro Adams Filho foi, de um lado, um entusiasta promotor das exposições por elas mostrarem a força do setor industrial de Novo Hamburgo e, de outro, pelo seu desejo de ampliar as bases comerciais e de representação política da cidade, o que operava com sua condição de empresário e de líder comunitário.

Entendemos, portanto, que estas exposições comemorativas possuíam um caráter pedagógico e político que possibilitavam a transmissão dos valores dos grupos hegemônicos locais, além de incutirem na população que as frequentava a ideia de progresso e de ruptura com um passado arcaico e atrasado.

A partir das ideias dos autores Mona Ozouf (1976) e Bronislaw Baczko (1978), podemos considerar as exposições industriais como momentos festivos. Estes autores, mesmo não analisando os eventos aqui apresentados, nos apontam algumas reflexões que acreditamos que possam ser utilizadas neste artigo.

Para Ozouf, as festas têm a necessidade de mostrar imagens portadoras de mensagens ideológicas que remetam à ideia de harmonia social, mas, ao mesmo tempo, não devem exibir imagens portadoras de mensagens que podem representar um duplo sentido e causar uma revolta social. A autora também analisa as comemorações como momentos de mudança e afirma que a festa é um momento de abertura para o passado e para o futuro, pois traz consigo a memória do passado e o prognóstico do futuro. Ela sugere uma identidade entre festa e revolução, pois a segunda necessita da primeira para perpetuar seus princípios. Para a autora, “o tempo que as festas celebram é o tempo regenerável, aquele que a comoção revolucionária tem a virtude de reatualizar num movimento novo: a alegria esfuziante das festas diz da capacidade do tempo em fazer morrer o velho mundo e engendrar o novo” (OZOUF, 1976, p.218).

Este “novo tempo” representado pelas comemorações na cidade de Novo Hamburgo significavam uma ruptura com um passado arcaico e atrasado e traziam embutida a ideologia do progresso. O passado parecia estar sendo reconstruído através de seus heróis e feitos

notáveis e o futuro representava a superação do atraso, de tudo que significativa um obstáculo ao progresso.

A participação em exposições e feiras remonta há muitos anos, pois desde os anos 20 do século passado, o poder público e os industriais e comerciantes da cidade, ainda não emancipada, já pensavam em uma forma de divulgar a produção local. Esses eventos eram fundamentais para firmarem a imagem de instituições sólidas e afinadas com o progresso em nível popular, ao mesmo tempo, os governantes e empresários locais viam nessas exposições uma forma de se perpetuarem no poder mostrando as potencialidades do município. Além disso, estas exposições transformadas em momentos festivos, além de estarem ligadas à ideia da felicidade, também representavam a ideia do novo, do revolucionário.

Outro elemento importante para analisarmos as exposições se refere à relação entre festa e imaginário, ou a utopia incutida nas festas que possibilitava sua identificação como transformadora. As comemorações representavam um instrumento importante na simbolização da ideia do novo. Baczko (1978) afirma que a utopia da festa se configurou no século XVIII com as ideias iluministas e as festas revolucionárias:

[...] a ideia-imagem da festa ideal resulta num tipo de festa sobre a qual se projetam os sonhos e os modelos de outra sociedade. Com a instauração das festas revolucionárias, as relações da festa com as ideias e imagens utópicas tornam-se ainda mais estreitas e todo um jogo de interação se instala entre o imaginário e o real. [...] as aspirações utópicas latentes encontram nas linguagens simbólicas da festa modos de expressão apropriados (BACZKO, 1978, p.242,243).

A utopia da felicidade incutida nestas exposições festivas pode ser, de alguma forma, identificada como transformadora da realidade. Mesmo que essas exposições não tinham interesse em mudar radicalmente a sociedade, pelo contrário, queriam a permanência da sua estrutura de base, elas se apresentavam como inovadoras devido à imagem utópica de transformações e mudanças que carregavam.

Referências

BACZKO, Bronislaw. *Lumieres de L'utopie*. Paris: Payot, 1978.

BAKOS, Margaret Marchiori. *Porto Alegre e seus eternos intendentes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

DIENSTBACH, Carlos. *Livro-arquivo: Exposição Industrial e Emancipação de Novo Hamburgo*, Arquivo Público do Vale dos Sinos, 1927.

Jornal *Correio do Povo*, 11/10/1929

Jornal *O 5 de Abril*, 13/09/1929; 25/10/1929

LIVRO de Atas da Comissão Organizadora da Exposição Industrial de Novo Hamburgo, Arquivo Público do Vale dos Sinos, 1927.

MONTE DOMEQ & CIA. SOCIÉTÉ DE PUBLICITÉ SUD-AMERICAINE *O Rio Grande do Sul Colonial*. Paris/Barcelona: Estabelecimento Gráfico Thomas, 1918.

OZOUF, Mona. A festa: sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs). *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SCHEMES, Claudia. *Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901-1935)*. 2006. 446 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2006 Disponível em : <<http://biblioteca.feevale.br/Tese/TeseClaudiaSchemes.pdf>>.

WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul – O “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924-1949*. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2004.